

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 10 – Abril-Junho de 2000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
CONTOS.....	7
O SEGREDO.....	9
Massimo Bontempelli	
<i>Tradução: Cláudia Bressan e Geanine Pereira</i>	
NO LUGAR DE COSTUME	13
Dino Buzzati	
<i>Tradução: LígiaRockenbach, Paulo Barrufi e Eunice dos Santos</i>	
A BELA DOS ESPELHOS	19
Mario Tobino	
<i>Tradução: Janisa Scomazzon Antoniazzi</i>	
O TELEFONEMA DE NATAL	25
Alberto Bevilacqua	
<i>Tradução: Silvia Catarina Rossi</i>	
ENSAIO.....	31
VISUALIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE TRADUÇÃO: OS PROVÉRBIOS E AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	33
Graziella Tonfoni e Laura Turbinati	
<i>Tradução: Cláudia Bressan</i>	

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^ª. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof^ª. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^ª. Sônia Terezinha Gehring

Prof^ª. Patrícia Chittoni Ramos

Prof^ª. Érica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Prof^ª Susana Termignoni

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Apresentação

Foi com grande satisfação que recebi da Diretora do Instituto de Letras, Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira, a quem agradeço a confiança e a oportunidade, a incumbência de organizar esta edição dos *Cadernos de Tradução*, especialmente dedicada ao Italiano.

Nesta ocasião, não poderia deixar de mencionar o nome da Profa. Maria Feoli Guaragna, querida mestra e grande incentivadora, cujo entusiasmo pela arte de traduzir contagiou sobremaneira os que tiveram o privilégio de serem seus alunos e de conviverem com ela durante sua passagem pelo Instituto de Letras.

Sempre em busca de novos textos para utilizar nas disciplinas de tradução, ela os selecionava visando a propiciar aos alunos não apenas o desenvolvimento de suas habilidades, mas também uma experiência concreta da tarefa e da responsabilidade do tradutor, imaginando, talvez, poder publicá-los um dia. Naquela época, o Projeto *A tradução no Instituto de Letras - da teoria à prática* e uma publicação específica para a área, como são os nossos *Cadernos de Tradução*, ainda não eram uma realidade. É, pois, com alegria, que incluímos entre os textos aqui traduzidos o conto *No lugar de costume*, de Dino Buzzati, trabalho realizado por um grupo de alunos sob sua orientação.

Além deste, a presente edição contempla outros três contos e um ensaio, textos trabalhados com alunos das disciplinas de Tradução do Italiano IV, que prevê o desenvolvimento das habilidades de traduzir um texto literário, e de Estágio Supervisionado de Tradução.

A seleção dos contos não obedeceu a nenhum critério pré-estabelecido. Foram marcantes, talvez, apenas pela sua beleza literária e pelo entusiasmo com que alunos e professores dedicaram-se ao desafio de traduzi-los. Observando, porém, mais atentamente, pode-se dizer que há um fio condutor que, de certa forma, os interliga.

Quer engajados a correntes e movimentos literários, quer percorrendo solitariamente suas experiências, todos os quatro autores focalizam nestes contos situações complexas e atormentadas vividas pelo homem contemporâneo: uma jovem que, através de uma profunda desilusão amorosa, descobre o segredo da juventude; a morte lenta de um cão, prisioneiro entre as paredes da casa de infância do seu dono; uma jovem apaixonada pelos espelhos, desesperadamente à procura da eterna juventude; um telefone que rompe a solidão de uma noite de Natal. O escorrer inexorável do tempo, a angústia da morte, a solidão.

Bontempelli e Buzzati estão entre os autores que produziram uma série constante e contínua de páginas fantásticas nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, produção que constituiu um grande filão narrativo para a literatura italiana, tanto que se chegou a falar de um "surrealismo particular italiano".

Na Itália, somente depois da experiência futurista e, mais em geral, das vanguardas literárias, a narração fantástica começa a conquistar progressivamente o seu espaço junto à consolidada tradição realista, muitas vezes entrelaçando-se com ela, ora de forma claramente declarada, como na poética do realismo mágico de Bontempelli, ora de forma subterrânea, quase que mimetizada sob uma aparência mais realística, como se observa nas obras “néo-realistas” de Italo Calvino.

O verdadeiro precursor da linha fantástica na Itália é Alberto Savinio, desde a juventude imerso no clima parisiense dos anos dez e vinte, ligando-se depois ao futurismo e, mais estreitamente, ao dadaísmo e ao surrealismo francês. Nos seus contos, faz falar os móveis, registra alucinantes apocalipses e até a autobiografia escorrega em uma deformação surreal.

Massimo Bontempelli (1878-1960), autor do conto *O Segredo*, cuja tradução apresentamos neste número, é herdeiro direto deste tipo de literatura. Fundador e incentivador da revista “900” (1926), que propunha um programa de renovação voltado para a literatura fantástica, nas suas melhores obras Bontempelli nos brinda com algumas histórias absolutamente impossíveis e absurdas, mas buriladas com a mesma minúcia de uma história realista: a rarefação da atmosfera é acompanhada por uma alucinada precisão dos detalhes. Bontempelli teorizou e praticou uma espécie de neoclassicismo que ele definiu “realismo mágico”, uma arte capaz de extrair, através do jogo da inteligência e da ironia, o aspecto fantástico dos fatos cotidianos. Escreve Bontempelli na revista “900”: “A imaginação não é o florescer do arbitrário e muito menos do impreciso. Precisão realista de contornos, solidez de matéria bem apoiada no solo; e, em torno, como que uma atmosfera mágica que faça sentir, através de uma inquietação intensa, quase uma outra dimensão na qual nossa vida se projeta. Este é o *realismo mágico* que encontra os seus precedentes em alguns pintores de 1400 (...) pelo seu realismo preciso, envolto em uma atmosfera de estupor lúcido e que pode ser remetido ao surrealismo, desde que se entenda que a arte consiste não em nos dar o surreal puro (que não quer dizer nada), mas em descobrir e *indicar o surreal no real*.”

Ao realismo mágico, Bontempelli permaneceu substancialmente fiel nas suas numerosas obras narrativas, cujo elemento característico, no plano estilístico, é a lucidez da escrita, capaz de envolver objetos extremamente nítidos em uma atmosfera que parece lembrar a da pintura metafísica. Em 1953, ganhou o Prêmio Strega pelo volume de contos *L' amante fedele*.

Por sua vez, Dino Buzzati (1906-1972) retoma, na sua narrativa, algumas experiências da literatura européia: o surrealismo e o pessimismo kafkiano. Escreveu contos de forte tensão fantástica, atingindo o seu melhor resultado com o romance *O deserto dos tártaros*, de 1940, traduzido em diversas línguas, inclusive em português. Em 1958, recebeu o Prêmio Strega pela obra *Sessanta Racconti*.

Nos seus contos, como um atento cronista, registra aventuras insólitas, acontecimentos estranhos e angustiantes que constituem a matéria para uma investigação do profundo mistério que envolve o homem contemporâneo, da sua

alucinada solidão, do mistério absoluto que sela a angústia da morte. Alegorias inquietantes e fantásticas invenções científicas estão presentes em crônicas que remetem a possíveis realidades metafísicas coexistentes nas suas páginas repletas de uma atmosfera mágica. Intelectual refinado e cético, cultiva as próprias idiosincrasias e as lança em formas narrativas e visivas, onde o evento fantástico constitui uma possibilidade de fuga da realidade.

Já Mario Tobino (1910-1991), vencedor do Prêmio Viareggio de 1976 com o conto *A bela dos espelhos*, é um escritor independente de qualquer escola literária. Médico psiquiatra, ainda jovem Tobino começou a trabalhar no manicômio de Maggiano – denominado literariamente Magliano – que assumiu, na sua vida e obra, o aspecto de um lugar quase que sagrado. Com uma vocação profundamente humanitária, Tobino lá permaneceu por quarenta anos, como psiquiatra e diretor. Maggiano foi a sua casa, o lugar onde escreveu seus livros, não tendo nunca constituído uma família. Verificou-se, assim, uma perfeita simbiose entre o psiquiatra e o escritor. Para Tobino, a literatura não é uma forma de evasão; ao contrário, justamente na sua atividade profissional ele vai buscar a inspiração para muitas de suas obras (*Le libere donne di Magliano, Per le antiche scale, Gli ultimi giorni di Magliano*). Através do duro segredo da loucura o escritor sondou o desconhecido do ser humano e os aspectos mais atormentados e inquietantes da existência. Em seus livros, sempre privilegiou as pessoas simples, pobres, doentes, convencido de que o ser humano tem uma dignidade independente da sua “veste mundana”. Até as pobres personagens do manicômio, não obstante a doença, têm sua complexidade e riqueza. Sobre a inspiração que o levou a escrever *A bela dos espelhos*, ao descrever uma paciente convicta de ter-se casado com o demônio e de poder maltratá-lo quando quisesse, Tobino comenta: “Era a imagem de uma poderosa personalidade, de uma capacidade fantástica profunda, era a expressão daquele mistério maravilhoso que é o ser humano” (in *A bela dos espelhos*).

Alberto Bevilacqua (1934), autor do conto *O telefonema de Natal*, é o mais jovem dos escritores aqui traduzidos. É também crítico, jornalista e diretor cinematográfico (dirigiu inclusive filmes baseados em suas obras) e não pertence a nenhuma corrente ou tendência literária específica. Está entre os intelectuais da sua geração preocupados com a renovação da tradição literária italiana, tanto através da investigação dos problemas do mundo contemporâneo, quanto através de temáticas mais tradicionais – analisadas, porém, à luz da cultura atual – ou, ainda, mediante a construção de uma língua literária mais moderna.

Suas primeiras obras denotam a influência do neo-realismo tardio. Os personagens fundamentais de uma parte da sua produção são os homens do povo, com o seu amor pela liberdade, suas lutas, suas personalidades insolentes. A partir daí, passa a fazer uma análise sutil da educação burguesa, centralizada, por detrás das aparências, na prevaricação e na violência. De modo geral, toda a obra de Bevilacqua pode ser lida como uma investigação do homem contemporâneo e sua

dificuldade de adaptar-se e de viver. Um percurso narrativo que passa pelo naturalismo e pelo psicologismo, usando o deboche e a ironia.

Também incluímos nesta edição a tradução do ensaio “*Visualização dos processos de tradução: os provérbios e as expressões idiomáticas*”, de Graziella Tonfoni e Laura Turbinati, uma contribuição enriquecedora para a comunidade acadêmica na área da Teoria da Tradução.

Por fim, um agradecimento especial à Profa. Maria Teresa Albiero, pela leitura atenta e as observações perspicazes.

Prof^a Susana Termignoni¹

¹ Coordenadora do Setor de Italiano do Instituto de Letras da UFRGS



CONTOS